

**A PSICANÁLISE E O SOFRIMENTO “PÓS-MODERNO”:
A PROBLEMÁTICA DO NARCISISMO NO CENTRO DA TEORIA E DA CLÍNICA**
| ALÍRIO DANTAS JR¹

RESUMO

Recordando que, para Freud, as pulsões sempre foram definidas dentro de uma dualidade, o autor aborda a dualidade das pulsões de vida e de morte segundo a concepção trazida por Green, para quem elas se expressam por meio de tendências à ligação e ao desligamento. Que se manifestam, segundo Green, através de suas funções ‘objetalizantes’ ou ‘desobjetalizantes’. De acordo com estas funções, o destino desse desequilíbrio pode levar à construção de novos significados mentais, que expandem a capacidade de pensar, ou pode levar ao vazio resultante da destruição dos vínculos na tentativa de por fim ao sofrimento causado pelo investimento pulsional. O autor recorre ao conceito de narcisismo e sua importância na capacidade do sujeito de conter esta angústia e estabelecer vínculos produtores de significados mentais para a experiência emocional vivida. Conclui utilizando o conceito de ‘negativo’, definido por Green como expressão do trabalho ‘desobjetalizante’ da pulsão de morte. Destacando que o conceito do negativo se articula com a compreensão da dinâmica inconsciente contida no conceito de ‘dor psíquica’ definido por Bion. E sugere que o sujeito contemporâneo é aprisionado pelas idealizações que criam sérios obstáculos ao complexo trabalho de construção de significados mentais para as experiências vividas.

Palavras-chaves: narcisismo - pulsões de vida e de morte - Green - funções objetalizantes ou desobjetalizantes - conceito de negativo - idealização

ABSTRACT

Recalling that, for Freud, the drives were always defined within a duality, the author addresses the duality of the life and death drive according to the concept brought by Green, to whom they express themselves through tendencies to the connection and disconnection. They manifest themselves, according to Green, through their ‘objectifying’ and ‘unobjectifying’ function. According to these functions, the destiny of this lack of equilibrium can lead us to build new mental significance, which expand mental capacity to think, or could lead to some kind of emptiness resulting from the destruction of bonds while trying to end the suffering caused by the drive investment. The author refers to the concept of narcissism and its importance in the capacity of the subject to control this anguish and establish bonds with mental significance for the life emotional experience. He concludes by using the concept of ‘negative’ defined by Green as the expression of the ‘unobjectifying’ work in the death drive. We must highlight that the concept of negative articulates with the understanding of the unconscious dynamics contained in the concept of ‘mental pain’ defined by Bion. He suggests that the contemporary subject is imprisoned by idealizations, which create serious obstacles to the complex job of building mental significance for their lives.

Keywords: narcissism - life and death drives - Green - ‘objectifying’ and ‘unobjectifying’ functions - concept of negative - idealization

1 Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Recife.

Para Haydée.

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo.

Fernando Pessoa
Poema em linha reta, poesias de Álvaro de Campos

O INCONSCIENTE E A MITOLOGIA DAS PULSÕES

O inconsciente freudiano, que constitui o elo comum a todas as correntes que lhe seguiram, é definido a partir da emergência de um estímulo interno que demanda uma ação à mente, e a força a mover-se no sentido de promover a construção de estruturas mentais. O investimento pulsional produz um inevitável desequilíbrio, impondo-se à alma na medida em que a excitação causada pelo investimento revela a descontinuidade existente entre a fonte da excitação e o seu objeto. A única resposta possível a esta tensão – que existe quando a descarga imediata é inviável – depende da capacidade de transformação da fonte pulsional em elementos psíquicos, de tal modo que se preserve uma contínua capacidade de ampliação do universo subjetivo, necessário ao controle destas tensões e da angústia associada a elas.

As pulsões sempre estiveram marcadas por uma dualidade: libido e instintos de autopreservação; libido narcísica e libido objetal; e pulsões de vida e pulsões de morte.

Green propõe que a nossa dualidade pulsional, as pulsões de vida e de morte, se expressam por meio das tendências de ligação e desligamento, que se tornam atuantes na dinâmica das relações objetais. Ele sugere esta dualidade compreendida segundo as duas funções que estas tendências têm por meta atingir. De acordo com sua proposição, a pulsão de vida responde por uma função 'objetalizante'; enquanto a pulsão de morte responde por uma função 'desobjetalizante'. Para ele, a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o desinvestimento (Green, 1986).

Quando a alma sofre um desequilíbrio que ameaça a integridade da relação de suas fontes pulsionais com os seus objetos, ela responde por meio destas duas funções. Num destes caminhos, 'a função objetualizante', o sofrimento provoca a construção de significados mentais para a experiência, visando a sua incorporação à estrutura psíquica. Este caminho proporciona um aumento da percepção do desprazer, mas oferece uma expansão do universo psíquico e um considerável aumento de sua plasticidade.

No outro caminho, 'a função desobjetualizante', este sofrimento compele o self a livrar-se da experiência dolorosa, esvaziando todas as representações que estivessem associadas a ela. Há uma ênfase num trabalho que se caracteriza pelo desinvestimento do objeto e pela supressão das fontes pulsionais que o investiam. Seu resultado não traz nenhuma ampliação das representações mentais, ele incorpora 'o nada' ao self. A sua expressão mais frequente é a compulsão de repetição. Nela, o investimento não "cria" um vínculo novo em busca de prazer, mas "destrói" este vínculo na tentativa de livrar-se da tensão.

Em minha opinião este 'vazio psíquico' não é a tradução de um 'espaço mental' vazio, desprovido de conteúdos, mas ilustra um esforço contínuo e ativo de esvaziamento. A ausência da representação mental não é o resultado de um processo, mas constitui o objetivo deste processo. O vazio é o resultado do 'trabalho do negativo' e tem por finalidade suprimir uma experiência dolorosa, expelindo-a para fora do mundo interno. É o resultado da pressão de angústias que envolvem níveis de regressão muito precoces, e, via de regra, resultam do investimento maciço da pulsão de morte.

O NARCISISMO ESTRUTURANTE

O narcisismo não é estranho ao desenvolvimento normal da personalidade. O narcisismo primário – conforme Freud (1914/1969) o designou em 1914 – deve reivindicar um papel fundamental na estruturação do aparelho psíquico; e se constitui em um elemento indispensável no esforço em direção ao prazer².

² O termo 'narcisismo primário' tornou-se um tanto fora de moda, e controvertido. Estou certo, todavia, que qualquer que seja a sua designação, há uma forma de investimento narcísico que participa da estruturação do ego e que é imprescindível para assegurar o trabalho das tendências à ligação, as funções objetualizantes de Green (1986).

Alimentando o ego de energia libidinal, o narcisismo torna possível que ele se organize e se habilite a efetuar uma contenção nas angústias primitivas, determinadas pela relação instável com os objetos. A possibilidade de um balanço entre os destinos narcísico e objetal do investimento libidinal desempenha um papel fundamental na capacidade do ego em permitir a continuidade da corrente de excitação que o invade. Sem o refluxo narcísico da libido, presente, sobretudo nos processos que levam à incorporação do objeto dentro do ego, todo o investimento libidinal tenderia a refletir e ressaltar a percepção interna de fragilidade e vulnerabilidade intensas e insuportáveis. Neste caso, o investimento libidinal representaria uma encruzilhada radical, entre o prazer e a morte.

Os transtornos narcísicos da personalidade não resultam do excesso de narcisismo, mas de sua pobreza. A personalidade narcísica é frágil, ferida em seu narcisismo primário, forçada a buscar no amor a si mesmo, e na destruição do objeto, uma defesa contra a ameaça de fragmentação do self. A fragilidade narcísica torna a presença do outro uma ameaça insuportável.

Em seu revolucionário ensaio introdutório sobre o narcisismo, Freud (1914) enfatizou a importância do equilíbrio, um delicado balanço, entre as formas de investimento narcísicas e objetais. “Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.” (Freud, 1914/1969).

A ideia de que existiria uma satisfação plena a ser oferecida pelo analista parece associada ao universo infantil, dominado por fantasias onipotentes. Fora deste universo mitológico a satisfação depende de um intenso trabalho psíquico que possa mediar as relações entre as fontes do desejo e seus eventuais objetos. A frustração deverá ser uma característica deste trabalho porque aquilo a que chamamos de felicidade é resultado de uma satisfação fortuita e não seria possível de ser experimentada senão de forma episódica (Freud, 1930/1969). A frustração e o sofrimento estarão presentes dentro do trabalho analítico como uma consequência do desencontro entre as expectativas do analisando e a nossa incapacidade para atender, eficazmente, as suas demandas. Este sofrimento

impulsiona o trabalho psíquico na direção de ressignificar suas representações, ampliando a sua independência de um objeto específico.

AMOR, ÓDIO E NARCISISMO

A primeira violência que se inscreve no sujeito é a violência determinada pela exigência de um objeto. Como Freud assinalou, a aparição do objeto faz o ódio atingir seu desenvolvimento (Freud, 1915/1969). Esta violência não se restringe à frustração imposta pelo reconhecimento deste objeto, mas se estende mais além, através da pressão exercida, no sujeito, pela força explosiva das pulsões. A corrente de excitações que o invade pode ser reconhecida como destrutiva.

Desta forma a presença do objeto se inscreve no sujeito de forma violenta. Essa violência não é imposta pela frustração eventualmente causada pelo objeto, mas por sua importância no circuito do prazer e na perda da onipotência infantil. Como o objeto é transitório, ele flutua, tornando-se inconstante. Esta inconstância torna a presença do desejo pelo objeto uma ameaça à integridade do sujeito.

Acredito que o narcisismo influencia, decisivamente, as relações amorosas. Uma função primária do narcisismo é produzir um investimento pulsional do corpo, articulando e tornando possível a sua erotização. O investimento libidinal narcísico desempenha um papel estruturante na constituição do corpo erógeno. Esta estruturação é apontada por Kernberg como decisiva ao desenvolvimento do amor sexual maduro (Kernberg, 1995). Mais além, uma organização narcísica estruturada é uma condição importante para a relação amorosa.

Por outro lado quando a estrutura narcísica é frágil acarreta uma ambivalência importante que se dirige não só ao objeto, mas a própria relação amorosa. Neste caso visto como fonte de desequilíbrio e instabilidade. E como causa de sofrimento.

A fragilidade narcísica torna a presença do outro uma ameaça insuportável. Em seu revolucionário ensaio introdutório sobre o narcisismo Freud (1914/1969) enfatizou a importância do equilíbrio, um delicado balanço, entre a necessidade de autopreservação e o amor objetual.

Organizadas em torno das duas formas possíveis de investimento da libido, a saber, o investimento objetal e o investimento narcísico. O amor a si mesmo e o amor pelo outro vivem na busca constante de um equilíbrio. Mas convivem com uma tendência muito forte para a ambivalência. Em larga medida, amar o outro sempre ocorre à custa de parte do amor a si mesmo. Não existe paixão ou amor que não coloque em risco, pela ameaça de castração, a integridade narcísica do self.

A DOR E O TRABALHO DO NEGATIVO

Embora o princípio determinante das forças psíquicas seja o do prazer, a sua satisfação não provoca atividade mental. A atividade mental é determinada, sobretudo pela busca do prazer, quando é gerada uma tensão capaz de reivindicar uma ação psíquica que lhe responda, e não por sua satisfação. A busca é conduzida pelo desprazer associado à própria tensão gerada pelos investimentos pulsionais, os mesmos cuja descarga produz o prazer. Portanto, parece-me que é a presença da tensão e do desprazer que exige a organização de uma estrutura psíquica complexa, capaz de atribuir significados mentais aos investimentos, colocando-os no campo da experiência emocional.

Há muitos anos André Green vem chamando atenção para a importância do 'negativo' na psicanálise (Green, 1986, 1993, 1997). Para Green (1995; 1997), o conceito de negativo esteve sempre presente em Freud, e parece-lhe essencial para a definição mesma do Inconsciente. Entre duas representações conscientes, no contexto de uma associação livre, postula-se a presença de uma representação inconsciente, latente, entre elas³. Quando postulamos a existência de dois conteúdos numa ação psíquica, o conteúdo latente e o conteúdo manifesto, nós defendemos que existem, nessa ação, duas formas diferentes de registro dessas presenças. Há uma presença ativa e visível, que seria o manifesto. E há uma outra presença ativa e invisível, que seria o latente. Existe, portanto uma presença que

3 O latente implica na presença do negativo, como algo que está invisível embora ativo; cuja presença é definida por sua não-presença, que é distinto de ausência, na medida em que o ausente não estaria ativo. O conteúdo latente está presente, é ativo e invisível, mas essa sua presença é negativa, é uma não-presença, em face às representações conscientes; ele está presente de forma negativa.

tem um registro positivo, o manifesto; e outra presença que possui um registro negativo, o latente, que é reconhecido como uma presença ‘não-presente’. A ‘não-presença’ diferencia-se da ausência porque esta seria inativa, enquanto a ‘não-presença’ implica numa atividade, numa qualidade de presença que se registra pelo seu negativo.

Eu creio que o conceito do negativo pode ser muito importante para a compreensão da dinâmica inconsciente contida no conceito de ‘dor psíquica’. O negativo implica alguma coisa mais que a ausência, posto que ele traz uma forma de apresentação do elemento psíquico (Bion, 1963)⁴ onde ele pode ser percebido, ou mesmo sentido, mas será representado apenas por sua inexistência. De acordo com Bion, quando uma falta apresenta-se ao indivíduo pode provocar nele dor e frustração. Quando a pessoa não pode tolerar a dor e a frustração (ou quando elas lhe sejam intoleráveis) essa ‘coisa’ que falta não poderá vincular-se a um nome, de modo a poder ser utilizada, e a ter o seu significado investigado. Nesse caso, essa ‘coisa’ que falta permanecerá representada pelo ‘nada’, por um vazio. Tal forma de representação, que pode ser chamada de negativa, permanecerá sendo o único registro desse elemento psíquico, e das experiências associadas a ele. Ampliando a descrição, Green (1995) mostra que o vazio não caracteriza um espaço que possa vir a ser preenchido com fantasias, pensamentos ou quaisquer outros processos psíquicos; antes, representa um vácuo que não pode ser preenchido com nada.

Tratando sobre a questão do negativo, Green (1995) acentua a importância da distinção feita por Bion entre a ‘não-coisa’, o ‘no-thing’, e o ‘nada’, ‘nothing’, uma vez que o ‘no-thing’ parece incluir um registro da ‘coisa’ que falta (o objeto) abrindo perspectivas de representação inconsciente, através do deslocamento para outros ‘representantes’; enquanto o ‘nothing’ é representado por uma ideia de vazio, de vácuo, que não pode ser representado por nada, no campo psíquico. Esse nada tende a deslocar-se por meio de uma maneira de representação psíquica que seria predominantemente concreta, como já havia sido assinalado por Betty Joseph (1981). A ‘não-coisa’ e o ‘nada’ diferenciam-se na medida em que a ‘não-coisa’ possui um registro potencial da ‘coisa’ que falta, sendo possível receber significados; enquanto ao ‘nada’, ao contrário, só lhe corresponde o vácuo.

4 Elemento no sentido que Bion atribui ao material que é objeto da observação pela psicanálise.

Sobretudo nas circunstâncias mais delicadas devemos lembrar que o analisando procura as suas satisfações substitutivas, sobretudo em seu relacionamento transferencial com o analista; e pode até mesmo tentar compensar-se, por esse meio, de todas as outras privações que lhe foram impostas. Qualquer analista que, talvez pela grandeza do seu coração e por sua vontade de ajudar, estende ao paciente tudo o que um ser humano pode esperar receber de outro, comete um sério erro. Ao fazê-lo, não conseguirão dar-lhe mais força para enfrentar a vida e mais capacidade para levar a cabo as suas verdadeiras incumbências nela (Freud, 1919/1969).

Se, frente à dor, podemos ajudar o analisando a encontrar significados psíquicos para sua experiência, inicia-se um processo de elaboração que tornará acessíveis partes importantes da vida inconsciente. Aquilo que não podia ser designado senão pelo vazio passaria a integrar a personalidade. Ao cabo deste processo, ampliamos as alternativas de satisfação, criando condições para transformar a experiência penosa em direção ao prazer. Assim, quem se habilita a sofrer a dor, habilita-se simultaneamente a “sofrer” o prazer (Bion, 1970[1973]).

Vivemos um implacável anseio por um ideal inatingível de felicidade – a “doença do ideal” – que se torna a base das mais exaltadas realizações e das mais degradantes formas de loucura humana (Lasch, 1992). Neste mundo não há lugar para nada que seja diferente do idealizado.

Uma das características da ‘Sociedade do Espetáculo’ como a definiu Guy Debord (1997), é que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real.

A crise dos valores e dos laços sociais a que vivemos é, sem nenhuma dúvida, um desafio gigantesco para esta geração. Premido entre a força mitológica de suas fontes pulsionais e uma realidade virtual que empobrece a eficácia do seu ‘ego’, nosso contemporâneo equilibra-se entre o seu sofrimento e a perda dos seus ideais. Duplo plano que coloca em questão um dos principais problemas das sociedades e dos homens: o problema das ideologias.

Fiz de mim o que não soube,
e o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me pelo que não
era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.

Fernando Pessoa
Tabacaria, poesia de Álvaro de Campos

REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1963). *Elementos de psicanálise*. Imago Editora, 1991.
- Bion, W. R. (1970). *Atenção e interpretação*. Imago Editora, 1973.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Editora Contraponto, Rio de Janeiro.
- Freud, S. (1969). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1969). *A repressão*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1969). *Linhas de progresso na terapia psicanalítica*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1969). *O mal-estar na civilização*. In: Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1929[1930])
- Green, A. (1986). Pulsión de mort, narcisisme négatif, fonction desobjectalizante. In : Green, A. (1986). *Pulsion de Mort*, P.U.F..
- Green, A. (1993). *Le Travail du négatif*, Editions du Minuit.
- Green, A. (1995). Diálogo com André Green: a categoria do alucinatório e do negativo. *Revista de Psicanálise da SPPA*, vol II, pp. 491-508.
- Green, A. (1997). The intuition of the negative in *Playing and Reality*. In: Intern. Journ. Psychoan., vol 78, pp. 1071- 1084.
- Green, A. (1997). A intuição do negativo em *O brincar e a realidade*. Livro Anual de Psicanálise, vol. XIII, pp. 239-251.
- Joseph, B. (1992). Em direção à experiência de dor psíquica. In: Joseph, B. *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica - artigos selecionados de Betty Joseph*, Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1981)
- Lasch, C. (1992). Introdução. In: CHASSEGUET-SMIRGEL, J., (1992). *O ideal do ego*. Editora Artes Médicas.
- Kernberg, O. (1995). *Psicopatologia das relações amorosas*. Editora Artes Médicas.